

A sistematização do racismo em “O Averso da Pele”, de Jeferson Tenório

Jian Marcel Zimmermann¹

Resumo

A produção literária brasileira contemporânea é heterogênea, tanto do ponto de vista temático como estrutural, e, partindo desta premissa, o presente estudo visa analisar a abordagem das práticas de alguns de seus temas mais recorrentes: racismo, discriminação e preconceito racial; na obra “O avesso da Pele”, de Jeferson Tenório, publicado em 2020. Para tal fim, utilizamos um corpo teórico que, além de refletir com profundidade sobre a matéria, apresenta uma sistematização dos conceitos, cuja aplicação ao texto literário será o fulcro central da análise. Neste sentido, valemo-nos das definições de Achille Mbembe, Frantz Fanon, Lélia Gonzales e Sílvio Almeida. Entretanto, não nos eximimos das análises artístico/literárias, pois verificamos que, além de tratar com solidez de problemas sociais sérios em nossa sociedade, o romance em questão é um objeto estético de grande valia pois, dentre outros méritos, concatena forma e conteúdo em um construto literário homogêneo.

Palavras-chave: Racismo; Literatura contemporânea; Jeferson Tenório; O avesso da pele

Data de submissão: Maio. 2023 – Data de aceite: Julho. 2023

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v19i2.14811>

¹ Possui graduação em Letras Português/ Literaturas da Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Pelotas UFPEL (2005); Mestrado em História da Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande FURG (2008); Doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul UFRGS (2016) e Pós-Doutorado pela Universidade Federal de Santa Catarina UFSC (2018). Atualmente é Professor de Língua Portuguesa e Literatura do Instituto Federal Sul-Rio-Grandense. <https://orcid.org/0000-0002-5769-9348> E-mail: jianmarcel@yahoo.com.br

Introdução

A produção literária brasileira contemporânea caracteriza-se por uma grande diversidade temática, formal e ideológica, além do fato de, por vezes, encontrarmos estas variantes dentro de uma mesma obra. A representação e reflexão sobre nossos problemas sociais configuram-se como um fértil mote para os artistas de nosso tempo, e este será o escopo do presente estudo.

A despeito de secular, a problematização do racismo pela literatura não se torna obsoleta, principalmente pelo fato de, infelizmente, tal problema, que hoje constitui-se como crime, ainda persistir, muitas vezes na forma de um delito naturalizado e, assim, tolerável, em muitos setores de nossa sociedade.

O *corpus* analítico do estudo será o romance “O Avesso da Pele” (TENÓRIO, 2020), obra vencedora do Prêmio Jabuti 2021 de melhor romance literário. A curiosa diegese com foco narrativo em segunda pessoa conta a história do protagonista, Henrique, pela ótica do filho, Pedro, cujas memórias e informações reconstroem uma trajetória constantemente afetada pelo racismo. Trata-se do terceiro romance do autor, Jeferson Tenório, professor, doutor em Teoria Literária pela PUC-RS, nascido no Rio de Janeiro mas radicado em Porto Alegre, cidade que serve de inspiração espacial para a ambientação do texto ora analisado.

Além das análises artístico/literárias inerentes a este tipo de estudo, examinaremos de que modo a sociedade ficcionalizada no texto de Tenório estrutura-se a partir de conceitos como preconceito, discriminação e racismo. Para atingir tal objetivo, utilizamos como principal embasamento teórico os autores Sílvio Almeida (2021), Lélia Gonzalez (1988), Achille Mbembe (2014) e Frantz Fanon (2008), cujas reflexões, além de aprofundar o olhar, permitem perceber as agravantes nuances que permeiam as relações sociais opressoras, tanto historicamente como na sociedade hodierna.

Construção de um alicerce para a reflexão

O Brasil possui a maior população negra fora da África, com cerca de 56% de sua população sendo afro-brasileira (AZEVEDO, 2022). Entretanto, não há correspondência entre esse volume populacional e nossos representantes em cargos eletivos (4% dos senadores e deputados), alunos em universidades (38%) (COSTA, 2022), ou como diretores de grandes empresas (6%) (VICENTE, 2023). Tais números revelam uma característica que boa parte de nossa sociedade tenta ocultar a seu próprio respeito, que vivemos sob a égide do racismo.

É evidente que esta criminoso prática é perceptível em incontáveis outras esferas de nossa vida, pois trata-se de uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como seu fundamento, manifestando-se tanto em práticas conscientes como

inconscientes, que se materializam em privilégios ou desvantagens para indivíduos, a depender do grupo racial do qual fazem parte. Sílvia Almeida (2021) assim define o processo:

O racismo – que se materializa como discriminação racial – é definido por seu caráter sistêmico. Não se trata, portanto, de apenas um ato discriminatório ou mesmo de um conjunto de atos, mas de um processo em que condições de subalternidade e de privilégio que se distribuem entre grupos raciais se reproduzem nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas. (ALMEIDA, 2021, p. 34)

O autor ainda define o racismo como um processo político, pois estrutura-se como um sistema de discriminação que tem implicações na organização da sociedade, é dependente do poder emanado de decisões e estratégias oriundas do poder político. Ademais, tornar-se-ia inviável um sistema discriminatório a todo um grupo de pessoas que não dispusesse de ferramentas legais para efetivá-las.

Outrossim, o racismo deve ser entendido também como processo histórico, pois está ligado a peculiaridades de nossa formação enquanto nação. Os crimes pretéritos ligados à escravidão, que tiveram o Brasil como um de seus palcos mais robustos, precisam ser inseridos na reflexão e compreendidos como parte relevante na estruturação do estado desigual que ora vivenciamos. Lélia Gonzalez (1988) assim explica o contexto latino-americano:

As sociedades que vieram a constituir a chamada América Latina foram as herdeiras históricas das ideologias de classificação social (racial e sexual) e das técnicas jurídico-administrativas das metrópoles ibéricas. Racialmente estratificadas, dispensaram formas abertas de segregação, uma vez que as hierarquias garantem a superioridade dos brancos enquanto grupo dominante. (GONZALEZ, 1988, p.73)

A autora nos apresenta também as definições de racismo aberto (que ocorreu em alguns países europeus, por exemplo) e racismo disfarçado, em nosso caso. A falsa ideia de democracia racial, proveniente do processo de miscigenação aqui ocorrido, fez com que desenvolvêssemos formas veladas de discriminação, uma vez que a estrutura racista estratificada dispensava as formas explícitas do racismo.

Sílvia Almeida ainda nos apresenta três modos de ver e analisar o racismo que infesta nosso meio. O racismo individualista, que estabelece uma relação entre racismo e subjetividade, ocorre com ofensas proferidas de um indivíduo para outro, sendo um crime tipificado como “injúria racial”, cuja punição hoje é equiparada ao crime de racismo (CUNHA, 2023), com pena de dois a cinco anos de reclusão. Verdade é que avançamos

legalmente na penalidade deste tipo de crime, entretanto há ainda distorções a serem reparadas, como no caso em que o juiz pode deixar de aplicar a punição quando o ofendido provocou diretamente a injúria. Por mais esforço criativo que façamos, é difícil imaginar um contexto em que um indivíduo incite alguém a ser racista contra si, no entanto, é a lei vigente. Almeida assim define a referida prática:

O racismo, segundo esta concepção, é concebido como uma espécie de “patologia” ou anormalidade. Seria um fenômeno ético ou psicológico de caráter individual ou coletivo, atribuído a grupos isolados; ou, ainda, seria o racismo uma “irracionalidade” a ser combatida no campo jurídico por meio da aplicação de sanções civis – indenizações, por exemplo – ou penais. Por isso, a concepção individualista pode não admitir a existência de “racismo”, mas somente de “preconceito”, a fim de ressaltar a natureza psicológica do fenômeno em detrimento de sua natureza política. (ALMEIDA, 2021, p. 36)

É preciso atentar para o fato de que, em um certo sentido, a análise sob esta ótica pode ser limitante, detendo-se apenas em elementos comportamentais e esquecendo que boa parte dos infortúnios produzidos pelo racismo foram praticados, em alguns momentos de nossa história, dentro da lei, com apoio moral e legal de autoridades políticas e religiosas, dentre outras.

Outro modo de ver a questão é tratá-la como institucional. Neste caso, há uma relação entre racismo e estado, na qual pressupõe-se que é insuficiente, em termos de análise, atribuir as práticas racistas apenas a iniciativas individuais, devemos sim considerá-la uma dinâmica institucionalizada que confere desvantagens e privilégios com base na raça. Segundo Almeida,

Assim, a principal tese dos que afirmam a existência de racismo institucional é que os conflitos raciais também são parte das instituições. Assim, a desigualdade racial é uma característica da sociedade não apenas por causa da ação isolada de grupos ou de indivíduos racistas, mas fundamentalmente porque as instituições são hegemônicas por determinados grupos raciais que utilizam mecanismos institucionais para impor seus interesses políticos e econômicos. (ALMEIDA, 2021, p. 38)

Ademais, é também a partir das instituições que o comportamento humano é moldado, com suas preferências, sentimentos, padrões estéticos e culturais que acabam por se tornar o horizonte civilizatório do conjunto da sociedade.

O Racismo pode ser visto ainda como fruto de uma estrutura moldada para sua efetivação e perpetuação. Alguns números da desigualdade apresentados anteriormente atestam o racismo estrutural, as diferenças de oportunidade e de representatividade são oriundas de uma estrutura segregacionista, moldada no sentido de manter a ordem

historicamente estabelecida:

Assim como a instituição tem sua atuação condicionada a uma estrutura social previamente existente – com todos os conflitos que lhe são inerentes –, o racismo que essa instituição venha a expressar é também parte dessa mesma estrutura. As instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos. Dito de modo mais direto: as instituições são racistas porque a sociedade é racista. (ALMEIDA, 2021, p. 47)

Achille Mbembe (2014) vê a questão de modo similar:

A exclusão, a discriminação e a selecção em nome da raça permanecem, aliás, factores estruturantes - ainda que muitas vezes negados - da desigualdade, da ausência de direitos e da dominação contemporânea, inclusivamente nas nossas democracias. (MBEMBE, 2014, p. 295)

Entretanto, pensar o racismo como uma prática proveniente de uma estrutura não retira a responsabilidade individual sobre os delitos cometidos, tampouco sobre a necessidade de individualmente desenvolvermos práticas que coíbam a perpetuação dessa criminosa desigualdade. É possível que uma visão aglutinadora do individual, do institucional e do estrutural proporcione análises mais seguras e indique práticas mais efetivas no combate a esta enfermidade que assola nossa sociedade.

Almeida (2021) torna a análise mais precisa ao diferenciar o racismo do preconceito e da discriminação, categorias que aparecem também associadas à categoria de raça. Nas palavras do autor:

O preconceito racial é o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias. (ALMEIDA, 2021, p. 32)

Muito embora conceitualmente a tese seja inequívoca, percebemos que em nossa sociedade, predisposta ao tratamento desigual, a visão estereotipada dos indivíduos acaba, na maioria das vezes, resultando em “práticas discriminatórias”. Mais uma vez é possível e necessário recorrermos a elementos históricos a fim de analisar esta prática:

Uma vez que não saímos inteiramente de uma mentalidade dominada ainda pela ideia da selecção entre diferentes tipos de seres humanos, é preciso

trabalhar com e contra o passado, de maneira a que este possa abrir-se para um futuro comum, com dignidade para todos. (MBEMBE, 2014, p. 296)

A estratégia seria utilizar o passado como ferramenta pedagógica, com o propósito de aprendermos com os erros que fazem parte de nossa história, utilizá-los como um exemplo ao contrário, que não deve ser seguido, mas sim combatido. É também a visão de Frantz Fanon (2008), que afirma chegar à conclusão de que era odiado, não individualmente por um conterrâneo ou familiar, mas por toda uma raça, estava exposto a algo irracional, ao preconceito:

Através dos tempos, vimos a religião católica justificar e depois condenar a escravidão e as discriminações. Mas, ao reduzir tudo à noção de dignidade humana, eliminava-se o problema do preconceito. Os cientistas, após muitas reticências, admitiram que o preto era um ser humano; in vivo e in vitro o preto tinha-se revelado análogo ao branco; mesma morfologia, mesma histologia. A razão assegurava a vitória em todas as frentes. Eu era readmitido nas assembléias. Mas tive de perder as ilusões. (FANON, 2008, p. 111)

Nem todas as inquestionáveis justificativas científicas eliminam a preconceituosa visão que historicamente coloca seres humanos em categorias distintas, gerando traumas de toda ordem, que ao mesmo tempo revoltam e comovem, mas que, acima de tudo, apontam para a necessidade de se trabalhar para combatê-la.

Já com relação à discriminação racial, Almeida (2021) aponta duas possibilidades: a discriminação direta, que se apresenta na forma de repúdio notório a indivíduos ou grupos de indivíduos; e a indireta, cuja consolidação se dá de forma velada, pela negação baseada no ilusório conceito de “neutralidade racial”, através do qual ignoram-se as práticas que estabelecem privilégios e prejuízos:

A discriminação racial, por sua vez, é a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados. Portanto, a discriminação tem como requisito fundamental o poder, ou seja, a possibilidade efetiva do uso da força, sem o qual não é possível atribuir vantagens ou desvantagens por conta da raça. Assim, a discriminação pode ser direta ou indireta. (ALMEIDA, 2021, p. 32)

Como resultado das práticas de discriminação direta e indireta verificamos a estratificação social, que solidifica uma visão de mundo segregadora que torna difícil sua superação, tanto do ponto de vista ideológico como de oportunidades concretas em termos de empregos, direitos etc., como é possível perceber no relato de Fanon (2008):

O mundo branco, o único honesto, rejeitava minha participação. De um homem exige-se uma conduta de homem; de mim, uma conduta de homem negro – ou pelo menos uma conduta de preto. Eu acenava para o mundo e o mundo amputava meu entusiasmo. Exigiam que eu me confinasse, que encolhesse. (FANON, 2008, p. 107)

Há uma espécie de castração da originalidade e da subjetividade em detrimento de uma fórmula desagregadora: “o cheiro sui generis do preto... o relaxamento sui generis do preto...a ingenuidade sui generis do preto... (FANON, 2008, p. 118)”. Além de irracional e imoral, tal prática estabelece uma contradição com seu próprio fundamento, o de humanidade, pois trata-se de uma postura que é, acima de tudo, “desHUMANA.”

As faces do problema

O recorte analítico desenvolvido para este estudo não visa, absolutamente, reduzir o objeto estético às funções aqui examinadas, trata-se somente de um olhar mais detido a uma das temáticas mais salientes no romance. O que se pretende evidenciar aqui é a eficiente articulação na arquitetura da obra entre elementos semânticos e estruturais como, por exemplo, na escolha pela fragmentação temporal, que possibilita ao leitor deparar-se com diversos contextos da trajetória do protagonista e possa, a partir destes avanços e recuos, verificar, através de uma análise contrastiva, de que modo a sociedade representada lida com sua diversidade étnica.

A divisão em capítulos opera também na harmonização entre forma e conteúdo, desde a nomeação até a micros diegeses que os compõem. “A pele”, o primeiro capítulo, trata da definição do protagonista e seu reconhecimento enquanto homem negro; “O avesso” busca estruturar este sujeito enquanto ser humano, suas inerentes inquietações e características, a despeito da cor da pele (na medida do possível) e de questões alheias às idiossincráticas; “De volta a São Petersburgo” devolve a narrativa aos momentos anteriores à morte do protagonista, a partir da evidente intertextualidade com Dostoiévski (2019), cuja referência se dá, dentre outros elementos que posteriormente serão pontuados, pela alocação de ambos os protagonistas em episódios definitivos em suas trajetórias; “A barca” nomeia o último capítulo e também, de maneira informal, a viatura policial que conduz o algoz do protagonista, o PM que tem pesadelos com assaltantes negros invadindo seu apartamento. É possível ainda, por se tratar do capítulo da morte de Henrique, relacioná-lo com “A barca de Caronte”, mito grego também presente na Divina Comédia (ALIGUIERI, 2003), barqueiro cuja função era transportar as almas dos mortos até Hades, onde morariam eternamente.

Através do encadeamento de eventos propiciados pela sucessão dos capítulos, é

possível perceber uma dualidade que perpassa o romance, o movimento pele/ avesso, interior/ exterior, que fica mais evidente em dois episódios: Na juventude, o protagonista possui uma úlcera que o aflige incessantemente, que é possível, simbolicamente, a partir do seguinte trecho, relacionar com outra chaga, a do racismo, que o acompanha ao longo de sua trajetória: “Você tem a sensação de que aquela ferida de meio centímetro sempre esteve dentro de você, desde o momento em que nasceu até a sua vida adulta” (TENÓRIO, 2020, p. 147). Outrossim, o frio, elemento característico do cenário da narrativa, passa a apresentar outra implicação nesta duplicidade semântica semeada pelo narrador:

Eles guardaram as armas, entraram no carro e foram embora. E você ficou ali diante da sua mochila aberta. Era o mês de junho. As ruas estavam desertas. Fazia frio, mas você não sentia o frio por fora, o frio estava dentro. (TENÓRIO, 2020, p. 150)

Narrador que também é trabalhado na obra de forma singular. Trata-se de um narrador identificável, Pedro, filho do protagonista da obra, que apresenta um raro foco narrativo em segunda pessoa:

Você caminha até o fundo da sala onde está o aluno que levantou a mão e, ao se aproximar, ele diz que precisa sair. Você percebe que o rapaz não parece bem. Ele está pálido e com os olhos vermelhos. A turma está em silêncio, alguns atentos aguardando a reação do professor. No entanto, antes mesmo que você pense em dizer algo, o menino projeta o corpo para a frente e vomita em cima de você. (TENÓRIO, 2020, p. 15)

Tal estratégia, além de demonstração de habilidade compositiva, cria um ambiente narrativo similar (com ressalvas) a um diálogo, humanizando a diegese, estabelecendo um vínculo afetivo e estrutural entre as categorias de narrador e personagem.

Ainda a respeito da estrutura narrativa, é possível perceber, a partir da centralidade dos eventos que giram em torno da vida do pai do narrador, uma dispersão em diversas micronarrativas. Associado à fragmentação temporal, Pedro narra momentos distintos da vida de Henrique, assim como estende a diegese a diversos ramos de sua árvore genealógica, o que permite, dentre outros aspectos, que tomemos conhecimento de múltiplos posicionamentos a respeito das práticas discriminatórias. Neste sentido, é de louvável sensibilidade a concessão da voz também a mulheres negras dentro do enredo, a partir das quais fica evidente a especificidade do racismo que sofrem, como, por exemplo, na fala da mãe do narrador:

O movimento negro acha que tudo se resume à cor da pele. Se esquecem

que ser um homem negro é muito diferente de ser uma mulher negra. E às vezes vocês, por serem homens negros, acham que está tudo resolvido, que estamos sempre no mesmo barco e que o racismo justifica todas as merdas que vocês fazem com as mulheres. Além disso, eu queria saber onde o movimento negro estava quando me assediavam na praia quando eu tinha treze anos. Onde o movimento negro estava quando não impediu que minha mãe morresse bêbada na rua. (TENÓRIO, 2020, p. 76)

Outrossim, alguns eventos presentes na trama exemplificam este modo específico de discriminação, como notamos, ainda com relação à personagem supracitada, em seu primeiro casamento, em que sogros, brancos, tratam a nora como serviçal: “Agora você é da família e isso significa que pode ajudar a manter a casa dos seus sogros limpa também. Uma moreninha forte igual a você pode ajudar bastante.” (TENÓRIO, 2020, p. 79)

A reflexão a respeito da condição da mulher negra está diluída ao longo de todo romance e em vozes distintas. Já ao final da obra, após a morte de Henrique, o narrador dialoga com sua tia, que reforça a singularidade de sua situação:

O que você tem que compreender é que os homens negros sofrem suas violências. E que as mulheres negras sofrem outras. Algumas são parecidas. Mas, veja, somos diferentes. Nem sempre as causas são iguais. (TENÓRIO, 2020, p. 181)

Embora legalmente não haja distinção entre o racismo sofrido por homens e mulheres, a obra nos indica suas peculiaridades. Ainda que o romance não tematize questões racistas enfrentadas pela comunidade LGBTQIA+, já proporciona uma expansão do olhar, pois indica que, parafraseando Djamilia Ribeiro (2019), que fala em “Feminismos Plurais”, no Brasil, seria também pertinente pensarmos em “Racismos Plurais”.

No decorrer da narrativa há exemplos de diversas facetas do tratamento desigual entre as pessoas, seja na forma de discriminação racial, preconceito racial ou das diversas formas de racismo. Os exemplos surgem, por vezes, com análises detidas dos eventos, em outras, há a instigação à reflexão do leitor, entretanto, não se estabelece uma hierarquia entre os eventos, não há um racismo “menos grave” que outro, todos são vistos como danosos e merecem ser combatidos/punidos.

A discriminação racial, definida aqui como um tratamento diferenciado em decorrência da raça, aparece já no início do romance, em um episódio no qual Henrique busca emprego junto a um escritório, onde é gratuitamente constrangido pelo futuro patrão:

Assim, com total domínio da situação, Bruno disse, com muita naturalidade, que não gostava de negros. Você levantou os olhos. Bruno não se intimidou e repetiu a frase: não gosto de negros. Talvez ele esperasse alguma reação

sua. Mas nada aconteceu. Você permaneceu imóvel. Depois, Bruno se ajeitou melhor na cadeira e justificou: não gosto porque, quando eu tinha um sítio em Garibaldi, um casal de negros, que trabalhavam para mim como caseiros, me roubou. Levaram tudo o que eu tinha na minha casa. Desde então, não confio mais em negros. (TENÓRIO, 2020, p. 20)

A tenra idade e o inesperado da situação talvez sejam alguns dos motivos pelos quais o protagonista não reage à discriminação, o pífio argumento, que se baseia em um episódio pontual para definir o caráter de toda uma raça, não convence Henrique. Todavia, o contexto histórico/social criado por discursos similares ao que acabara de ouvir o fazem, neste momento, ouvir calado, pela necessidade do emprego, que posteriormente consegue, e lhe proporciona mais eventos desta natureza, velados ou explícitos.

Ainda no capítulo “A pele”, no qual Henrique se descobre enquanto negro, e as implicações sociais acarretadas por esta condição em uma sociedade composta por muitos cidadãos preconceituosos, percebemos um episódio em que fica evidente o preconceito racial, ou seja, um juízo baseado em estereótipos. Ao tornar sério o namoro com Juliana, uma moça branca, o protagonista passa a frequentar sua casa e as reuniões de família, desta forma descritas por Pedro:

Acontece que, em pouco tempo, você não só passou a ser o negão da família, como também passou a ser uma espécie de para-raios de todas as imagens estereotipadas sobre os negros: pois disseram que você era mais resistente à dor, disseram que a pele negra custa a envelhecer, que você deveria saber sambar, que deveria gostar de pagode, que deveria jogar bem futebol, que os negros são bons no atletismo. Você não corre? Que negros são ruins como nadadores, já viu algum negro ganhar medalha olímpica na natação? Agora, olhem lá nas corridas. Vocês ganham tudo. É porque desde cedo aprendem a correr dos leões na África, não vê como aqueles quenianos sempre ganham a São Silvestre? (TENÓRIO, 2020, p. 29)

O caminho do preconceito na família da namorada passou das piadas ao estigma, em um momento em que o então rapaz passava por uma fase de tomada de consciência e esclarecimentos históricos, políticos e sociais (com a ajuda de um professor, Oliveira, profissão que posteriormente seria por ele próprio exercida), o relacionamento afetivo tornou-se inviável. O término do namoro se deu em um ônibus do transporte público, com um pequeno escândalo, cuja inconveniência é incomparavelmente menor do que a violência verbal da qual sofria o protagonista.

Nem sempre é possível analisar isoladamente as diversas práticas do racismo, o individualista, por exemplo, detectamos ao longo de boa parte da narrativa, mesclado a outras práticas. Quando avaliamos os eventos em que há racismo institucional, como resultado do funcionamento das instituições, percebemos distintas estratégias narrativas, que, neste caso, podem ser consideradas também argumentativas. Em princípio, aparecem

em uma reflexão de Henrique:

Resistir fazia parte de sua vida e você nunca havia se questionado por que as coisas eram assim. Nunca se questionou por que vivia sem pai. Nunca se perguntou por que a polícia o abordava na rua com tanta frequência. A vida simplesmente acontecia e você passava por ela. (TENÓRIO, 2020, p. 32)

Mesmo em um momento de sua vida em que ainda não dispunha de conhecimentos mais sólidos a respeito do racismo, já percebia no seu cotidiano como a cor de sua pele implicava em constrangimentos e, a partir de uma estrutura organizada em favor da discriminação, limitações contra as quais teria de lutar.

Neste sentido, as instituições referidas na diegese adotam práticas racistas que perpassam toda a obra, representadas aqui, principalmente, pela polícia, cujas práticas racistas são naturalizadas:

Um deles te perguntou onde você trabalhava. Numa escola. Sou professor, você respondeu. Depois, educadamente, eles te solicitaram os documentos e te perguntaram onde você morava e se era usuário de drogas. Além disso, você teve de ouvir a sua própria descrição através de uma voz feminina vinda da central policial: o suspeito é negro, natural do Rio de Janeiro, estatura mediana, casaco preto. Se já revistou, pode liberar, ele tá limpo. (TENÓRIO, 2020, p. 143)

Trata-se de uma instituição que considera o sujeito como “suspeito” tendo como único critério a cor da pele. Tal prática parece tão constante que, no capítulo “De volta a São Petersburgo”, Pedro narra com ênfase sete abordagens policiais traumáticas sofridas pelo pai, sendo inclusive numeradas e transformadas em subcapítulos. Ou seja, não se trata de um equívoco pontual, mas sim de uma prática sistêmica, um posicionamento institucional que considera indivíduos de pele negra como potenciais criminosos.

Muito embora, infelizmente, o racismo não seja um problema característico de um espaço geográfico específico, o narrador inúmeras vezes faz questão de explicitar o locus contextual dos episódios. O sul do Brasil, e de modo mais específico, a cidade de Porto Alegre, é o cenário mais constante dos episódios narrados, de cuja estrutura discriminatória é possível detectar raízes históricas: “Alguns pais levavam um susto quando te conheciam, porque na época ainda era raro haver professores negros em escolas no sul do país.” (TENÓRIO, 2020, p. 130) Achille Mbembe expõe uma estratégia para combater esta pretérita ferida que no presente segue lacerando:

Para as comunidades cuja história foi sobretudo a do aviltamento e de humilhação, a criação religiosa e artística representou, muitas vezes, a

derradeira fortaleza contra as forças de desumanização e de morte.
(MBEMBE, 2014, p. 290)

Ao afastarmos a análise de questões literárias estruturais e semânticas mais específicas, percebemos que é, de fato, o que faz Jeferson Tenório. A despeito dos méritos artísticos de sua obra, e da injustiça que seria reduzi-la a uma tese, o romance ora analisado serve como exemplo dos ditames de Mbembe, pois trata-se de uma obra de arte operando como “fortaleza” na resistência contra um status injusto e visando uma mudança nos paradigmas socialmente vigentes.

O racismo enquanto processo político também é tematizado no romance, em diversas passagens, seja de modo implícito, que se infere a partir da organização da sociedade a fim de discriminar grupos sociais inteiros, seja de forma mais explícita, como no discurso de um aluno no velório de Henrique:

Quero também dizer que o professor Henrique Nunes não morreu por mera circunstância da vida, morreu porque era alvo de uma política de estado. Uma política que persegue e mata homens e mulheres negras há séculos.
(TENÓRIO, 2020, p. 180)

O que percebemos a partir do supracitado trecho é não apenas uma organização que impõe desvantagens sociais, mas sim que oprime com violência, fatal em muitos casos, homens e mulheres negras. Poderíamos inclusive definir esta prática, de forma mais abrangente, como histórica/política, tendo em vista que é um problema existente, nas palavras do personagem, “há séculos”.

Uma estratégia perene na composição de “O avesso da Pele” é a abundante referência intertextual. São diversas as relações com músicas, poemas, filmes, contos, outros romances etc. que semeiam inúmeras possibilidades hermenêuticas. A análise da utilização destes recursos é de suficiente relevância para a criação de outro estudo, e muito embora não faça parte do escopo deste artigo, há uma ligação intertextual que é inadiável, a que se estabelece com Dostoiévski.

A relação estabelecida com a obra do escritor russo se dá de diferentes formas. Em princípio, percebe-se na nomenclatura de um capítulo da obra de Tenório, “De volta a São Petersburgo”, espaço geográfico no qual desenvolve-se o enredo de “Crime e Castigo” (DOSTOIÉVSKI, 2019). Outrossim, a obra do pretérito autor surge materialmente em muitos momentos da narrativa, desde o momento em que é descoberta pelo protagonista:

Um dia você ouviu o professor Oliveira falar sobre um livro, sobre um certo personagem russo, Raskólnikov. E foi como uma iluminação ouvir o professor lendo aquelas páginas de Crime e Castigo. Você não sabia que

aquele seria um livro que te acompanharia até o fim de sua vida. (TENÓRIO, 2020, p. 147)

Ademais, no desenvolvimento da diegese, Henrique faz a leitura da obra russa para seus alunos, exatamente no dia de sua morte, operando como uma espécie de epifania:

Peterson disse que a sua aula tinha sido muito boa. Você ofereceu o livro se ele quisesse emprestado. Ele agradeceu, mas disse que precisava correr atrás de um trabalho. Você pensou em insistir, pensou em fazer um discurso sobre aquela história de pão e literatura, que as duas coisas são importantes, mas não estrague tudo, professor, não exagere. Você deu uma de suas melhores aulas dos últimos tempos, contenha-se, você pensou. Numa esquina, Peterson despediu-se de você. Enquanto caminhava, você ficava lembrando de cada pedacinho da aula. (TENÓRIO, 2020, p. 172)

É possível ainda estabelecer a relação entre as obras em diversos outros aspectos. Em ambas é relevante a tensão psicológica; o crime de assassinato é determinante nos enredos; cada um a seu modo, os protagonistas são socialmente oprimidos... Verifica-se também que os protagonistas de ambas estão em momentos decisivos de suas trajetórias, muitos embora exerçam de forma direta papéis diametralmente opostos: Raskólnikov é o assassino de duas vítimas, Henrique é vítima mortal de disparos que, em uma verificação mais ampla, são desferidos por uma sociedade racista.

Contribui para esta verificação a análise de outra categoria estrutural da narrativa, a dos personagens, tradicionalmente classificados, de forma simplista, porém muitas vezes precisa, em protagonista, antagonista e secundários. Entretanto, a despeito de termos um algoz específico que ceifa a vida de Henrique, parece-nos mais preciso deslocar o papel de antagonista de um personagem para outro elemento presente na diegese, o racismo. Em uma análise mais detida, é possível perceber que quem de fato antagoniza a trajetória do protagonista não é um personagem específico, mas sim a referida prática discriminatória, e os efeitos desta prática resultam em eventos traumáticos vividos pelo protagonista e, infelizmente, também por muitos brasileiros no mundo factual.

Considerações finais

A construção do presente trabalho nos permitiu verificar, a partir do estudo e da textualização de uma base teórica aplicada à análise de um romance brasileiro contemporâneo, o modo, neste caso, com que o objeto artístico entrelaça seus conceitos estéticos com temas de relevante discussão no contexto que nos cerca.

Percebemos alguns dos elementos estruturais da narrativa operando, além de sua função basilar, na problematização temática da obra. A partir da fragmentação temporal,

por exemplo, percebemos como o racismo interferiu na trajetória do protagonista ao longo de toda diegese, e de diversas formas. Ademais, ao invés de um personagem da trama exercer a função de antagonista, é possível considerar o próprio racismo desempenhando este papel, ao dificultar a vida de Henrique durante todo o período ficcionalizado de sua vida. Entretanto, a fim de amparar toda arquitetura textual que homogeneizou forma e conteúdo, temos um narrador em segunda pessoa, filho do protagonista, ou seja, é um filho contando a história de seu pai para o próprio genitor, o que humaniza a narrativa e a resguarda de uma artificialidade temática.

Verificamos ainda que há no romance uma sistematização das relações raciais opressivas, pois encontramos episódios de discriminação racial, preconceito racial, racismo individualista, institucional, político e histórico. Percebemos que o autor oferece diversas perspectivas para a abordagem da temática: por vezes na voz do narrador, outras através do discurso dos personagens, outras ainda instigando que o leitor desenvolva seus próprios diagnósticos.

Em suma, “O avesso da pele” estimula um alargamento do olhar nas questões relativas aos preconceitos presentes na sociedade contemporânea, ao fazer a distinção, por exemplo, do racismo sofrido por homens negros e mulheres negras. Outrossim, percebe-se um cuidado criativo no trato das questões artístico/literárias, produzindo um construto artístico em que forma e conteúdo costuram uma trama indissociável, há um ganho na reflexão temática, há um ganho na construção literária, mas sobretudo, há, parafraseando Antônio Cândido (2000), uma comunhão entre “Literatura e Sociedade”.

The systematization of racism in “O Averso da Pele”, by Jeferson Tenório

Abstract

Contemporary Brazilian literary production is heterogeneous, both from the thematic and structural point of view, and, in this sense, the present study aims to analyze the approach to the practices of some of its most recurrent themes: racism, discrimination and racial prejudice; in the novel “O Averso da Pele”, by Jeferson Tenório, published in 2020. To this purpose, we use Theories that, in addition to reflecting in depth on the subject, presents a systematization of concepts, whose application to the literary text will be the central focus of the analysis. In this sense, we use the definitions of Achille Mbembe, Frantz Fanon, Lélia Gonzales and Sílvio Almeida. However, we do not exempt ourselves from artistic/literary analyses, as we verify that, in addition to solidly dealing with serious social problems in our society, this novel is an aesthetic object of great value because, among other merits, it concatenates form and content in a homogeneous literary construct.

Keywords: Racism; Contemporary literature; Jefferson Tenorio; O avesso da pele

Referências

ALIGHIERI, Dante (2003). *Divina comédia*. São Paulo: Editora Martin Claret.

ALMEIDA, Silvio (2021). *Racismo estrutural*. São Paulo: Editora Jandaia.

AZEVEDO, Janaína. *Negros no mundo*. Disponível em:
<<https://www.uff.br/ladem/2010/01/24/negros-do-mundo/>>. Acesso em 23 ago. 2022.

CÂNDIDO, Antonio (200). *Literatura e sociedade*. 8ª Ed. São Paulo: T. A. Queiroz.

COSTA, Gilberto. *Cresce total de negros em universidades, mas acesso é desigual*. Disponível em:
<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-11/cresce-total-de-negros-em-universidades-mas-acesso-e-desigual>>. Acesso em 23 ago. 2022.

CUNHA, Marcella. *Sancionada lei que equipara injúria racial ao crime de racismo*. Disponível em:
<<https://www12.senado.leg.br/noticias/audios/2023/01/sancionada-lei-que-equipara-injuria-racial-ao-crime-de-racismo>>. Acesso em 27 abr. 2023.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor (2019). *Crime e castigo*. São Paulo: Lafonte.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor (2013). *Os irmãos Karamázov*. São Paulo: Martin Claret.

FANON, Frantz (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA.

GONZALEZ, Lélia (1988). A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92/93, jan.-jun.

MBEMBE, Achille (2014). *Crítica da razão negra*. Lisboa: Antígona.

RIBEIRO, Djamila (2019). *Lugar de fala*. São Paulo: Pólen.

TENÓRIO, Jeferson (2020). *O avesso da pele*. São Paulo: Companhia das Letras.

VICENTE, Raphael. *Índice de igualdade racial nas empresas*. Disponível em:<<https://iniciativaempresarial.com.br/wp-content/uploads/2022/03/indice-de-igualdade-racial-nas-empresas1.pdf>>. Acesso em 28 abr. 2023.